

Turismo para a construção de uma paisagem cultural. Sedução, símbolo, autenticidade

Filipa Cabrita



Fotografia Turística do Guggenheim, Bilbao

Esta é uma visita diacrónica a alguns dos mais determinantes temas que partilham e cruzam com uma história conceptual do Turismo e da teoria da arquitectura. É acima de tudo um trabalho de reflexão motivado por uma vontade de compreensão de um processo que é hoje inerente à própria ideia de cultura e que é responsável por um novo paradigma definido pelo binómio global/local que marca a contemporaneidade. Esta visita parte dos pressupostos de que o Turismo é actualmente um fenómeno de presença incontornável que promove múltiplas consequências nos hábitos e inter-relações sociais e consequentemente na apropriação do território. Também parte do pressuposto que é um fenómeno complexo e transversal que se relaciona com a totalidade das esferas da actividade humana sejam elas dinâmicas culturais, económico-financeiras ou político-ideológicas. O seu objectivo passa, por isso, por fazer uma leitura panorâmica deste fenómeno enquanto motivador dos processos de construção ou consolidação de uma ideia de paisagem cultural, para perceber como é que este paradigma se pode constituir hoje num tema na produção arquitectónica.

O problema central da história conceptual do Turismo remete para a questão de saber que condições precisaram de estar reunidas, no imaginário do sujeito, para dar o significado à viagem que hoje lhe é atribuído. Porque, à análise dos fenómenos, e na demarcação dos espaços uns dos outros, confronta-se a dificuldade de definição dos limites a partir dos quais se pode afirmar onde começa e acaba um espaço turístico, ou não fossem os seus limites o resultado de uma época e do nível operativo de uma cultura. É por isso evidente a impossibilidade de se compreender a emergência do turismo sem a articular com um conjunto de condições gerais características da Europa ocidental, que terão emergido com a modernidade, nomeadamente pela introdução de uma ideia de tempo-livre proporcionada pela Revolução Industrial como explica Dean MacCannell: “Industrial society bound men to its jobs, but because extreme specialization and fragmentation of tasks in the industrial process, the job did not function to integrate its holder into a synthetic social perspective, a world view. As solution to the problem culture, industrial work is a failure. It repulses the individual, sending him away to search for his identity or soul in off-the job activities” (MacCannell, 1976:36).

Le Corbusier na sua proposta para um modelo urbanístico moderno inclui esta novidade programática naquela que foi uma das primeiras manifestações de um arquétipo a que hoje chamamos *life-style*: “a generic term for specific combinations of work and leisure, is replacing “occupation” as the basis of social relationship formation, social status and social action” (MacCannell, 1976:6). E na melhor tradição positivista esta combinação tinha de ser especialmente operativa. Le Corbusier tornava clara a função das horas vagas quando afirmava que o preenchimento das horas livres é “um problema de arquitectura: a habitação; de urbanismo: a organização dos bairros residenciais, a máquina de espairecer” (Le Corbusier, 2000:187). Porque para ele “a hora do repouso é a hora de espairecer” e espairecer para Le Corbusier era acima de tudo cuidar do corpo “oito horas de repouso continuado. O